

G.T.: Gênero, associativismo e política de emprego e renda

Economia solidária e divisão sexual do trabalho:
uma abordagem introdutória sobre a autonomia subjetiva e econômica de mulheres
cooperadas.

Dione Antonio de Carvalho de S. Santibanez¹

Gabriela Miguel Fraga²

Palavras-chave: economia solidária, cooperativismo, gênero.

Introdução

As atuais transformações no mundo do trabalho, em que se reestruturam relações produtivas e econômicas, desencadearam o aumento do desemprego e o acréscimo de cooperativas, associações e grupos informais enquanto espaços alternativos para a geração de trabalho e renda. Sendo que vários desses empreendimentos propuseram-se a articularem-se sob formatos coletivos de organização e gestão do trabalhado, compondo as chamadas organizações de Economia Solidária.

Essas visíveis novas dinâmicas das formatações das relações de trabalho são acompanhadas também de ampliação da participação das mulheres no mercado de trabalho brasileiro, devido ao projeto neoliberal que vem sendo implantado em nosso país desde o início da década de noventa, aplicando os ajustes econômicos, as privatizações de estatais e de serviços públicos, os cortes nos gastos sociais (como com saúde, escolas e creches de qualidade, etc) as demissões de servidores públicos e transferência de renda e de patrimônio público para o setor privado (ANDERSON, 1995). Sendo assim, poderíamos parti da compreensão de que o desemprego, assim como outras responsabilidades que estão designadas socialmente às mulheres (como a maternidade e o cuidado com o lar) possivelmente comporiam os motivos que desencadeiam a inserção das mulheres em experiências de Economia Popular Solidária.

Essas iniciativas econômicas de grupos associados atuam nos mais variados setores da economia, surgem em situações diversas e possuem diferentes formas de organização. A pluralidade inerente ao fenômeno da Economia Solidária apresenta em amplo conjunto, problemáticas relacionadas às questões de gênero, já que majoritariamente esses empreendimentos são formados por mulheres (GUÉRIN, 2005). Emergem daí, questões como as divisões sexuais no processo de trabalho, as mudanças socioculturais no cotidiano de mulheres, a resignificação de aspectos culturais das relações hierarquizadas.

Frente a esses contextos, e aos princípios empreendidos na Economia Solidária, que motivam a participação mútua, a cooperação, e a autonomia, nesse artigo propomos questionamentos que surgem como desafios sociológicos para melhor compreensão da realidade da Economia Solidária. Investigaremos as possibilidades de autonomia econômica e subjetiva das mulheres que participam de empreendimentos solidários.

1 Mestrando do programa de pós-graduação em sociologia da Universidade Federal de Goiás.

2 Graduanda do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás e pesquisadora estagiária vinculada ao projeto *Cooperativas populares de mulheres em Goiás: diagnóstico, capacitação e incentivos públicos federais*, coordenado pela professora dra. Telma Ferreira Nascimento da UFG e financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado Goiás.

Tentando compreender se essa alternativa de sobrevivência proporciona condições mais igualitárias que possibilitem a realização plena das trabalhadoras; e se o princípio educativo existente no trabalho cooperativo proporciona condições de superação das condições de desigualdades e hierarquizações sexuais presentes nas relações do lado de fora das cooperativas.

Metodologia

Nesse estudo, inicialmente, utilizaremos pesquisas realizadas por GUÉRIN (2007) e OLIVEIRA (2008) que nos guiarão a compreender os contextos e vivências tidas pelas mulheres cooperadas através das pesquisas feitas por essas autoras a respeito das representações cotidianas das trabalhadoras de economia solidária.

Para acrescentar à discussão recorreremos também a análise de dados parciais da pesquisa *Cooperativas Populares de Mulheres em Goiás: Diagnóstico, Capacitação e Incentivos Públicos Federais*³, em que realizou-se entrevistas e aplicação de questionários com mulheres cooperadas. Será utilizado como recurso metodológico a análise de dados qualitativa. A apreciação analítica a partir do mesmo se dá com base na consideração de que, a melhor apreensão de fenômenos subjetivos é feita a partir da pesquisa qualitativa. Assim, Buscaremos fornecer um panorama do envolvimento feminino nos empreendimentos. Utilizaremos, portanto, de observações feitas a partir da realização da pesquisa em questão. Dessa forma, espera-se viabilizar uma discussão baseada em resultados prévios de verificação empírica realizada no projeto citado.

Resultados Esperados

Espera-se, primeiramente, contribuir para a compreensão das experiências vivenciadas pelas mulheres na sociabilidade própria do trabalho cooperativo. Nesse sentido, procura-se explicar as mudanças sociais nas relações de gênero nas cooperativas. Ao partir do sujeito desse processo, as mulheres, buscaremos evidenciar: a divisão sexual nos empreendimentos solidários; as mudanças no cotidiano das mulheres; e, a resignificação das relações hierarquizadas.

Dessa maneira, acredita-se que o trabalho cooperativo em empreendimentos econômicos solidários, modifica aspectos fundamentais das relações de gênero próprias da sociedade. Na sociabilidade vivenciada nas cooperativas é possível emergir relações sexuais diversas, sem contudo, serem desiguais. Esse fato aponta, para a possibilidade de construção da autonomia entre mulheres que compõem um público com baixa escolaridade, sem qualificação profissional e, situação de vulnerabilidade econômica.

Referências Bibliográficas

ANDERSON, Perry. Balanco do Neoliberalismo. In: SADER, Emir; GENTILI, Pablo; BORON, Atilio. **Pós-Neoliberalismo: as políticas sociais e o estado democrático**. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

AZAMBUJA, Lucas Rodrigues. Os Valores da Economia Solidária. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 11, n. 21, jan./jun. 2009, p. 282-317.

BRAGA, Ruy. **A nostalgia do Fordismo: modernização e crise na teoria da sociedade salarial**. São Paulo Xamã, 2003.

3 Coordenada pela professora dr. Telma Ferreira Nascimento da Universidade Federal de Goiás. Vale destacar que este é uma pesquisa que se encontra em estágio de desenvolvimento.

GUÉRIN, Isabelle. **As mulheres e a economia solidária**. São Paulo: Loyola, 2005.

LIMA, Jacob Carlos (org.). **Ligações perigosas: trabalho flexível e trabalho associado**. São Paulo: Annablume, 2007.

OLIVEIRA, Jaqueline Pereira de. MULHERES na economia solidaria: possibilidade de reconhecimento e emancipacao social. **Sociedade e cultura**, Goiania, GO, v. 11, n. 2, p.325-332, 2008.